



Joint-venture entre Cosan e Shell resultará em ganhos de sinergia de R\$ 3,4 bilhões

BRUXELAS - A Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia (UE), aprovou nesta terça-feira uma joint venture entre a Shell Brazil Holding B.V., uma unidade da Royal Dutch Shell, e a brasileira Cosan S.A.

Juntas, as companhias produzirão, venderão e comercializarão açúcar e etanol no Brasil e no mundo, informou o bloco. Elas também devem desenvolver e licenciar certas tecnologias de etanol, bem como fornecer, distribuir e vender produtos combustíveis para transporte no Brasil.

"Após analisar a operação, a Comissão concluiu que a transação não dificultará significativamente a efetiva competitividade na Área Econômica Europeia (EEA, na sigla em inglês) ou em qualquer parte substancial desta", afirmou a UE em um comunicado.

As informações são da Dow Jones.

UE_ São Paulo mar 2011 – A joint-venture entre a Shell e a Cosan ([CSAN3](#)) resultará em ganhos de sinergia de R\$ 3,4 bilhões em dois anos, segundo teleconferência realizada nesta quarta-feira (2) pela nova empresa, formada a partir da parceria entre as duas companhias, a [Raízen](#). "Os números são conservadores", revela Vasco Dias, presidente da Raízen, pois ganhos com a união das operações ainda poderão ser obtidos após 2013.

Deste total, R\$ 1,7 bilhão será proveniente da área de logística, distribuição e trading, R\$ 1,4 bilhão em ganho [comercial](#), R\$ 400 milhões na área financeira e, aliado a isso, soma-se uma perda de R\$ 100 milhões em conversão de postos, cuja previsão é que ocorra em até três anos.

Ganhos de sinergia

Quanto à área [financeira](#), Vasco Dias aponta que está em discussão na empresa a possibilidade de refinanciamento da dívida. No entanto, destaca-se que o Conselho de Administração limitou a relação entre dívida líquida e Ebitda (geração operacional de caixa) a até duas vezes.

Vasco Dias também destaca a participação de novas empresas de tecnologia da Shell - Iogen Energy e Codexis -, as quais acelerarão o desenvolvimento de etanol de segunda geração com foco no bagaço da cana de açúcar. Por fim, a área de distribuição será beneficiada pela consolidação, racionalização e pelo aumento da geração de caixa.

Assim, a expectativa é de que se crie uma empresa com "potencial de crescimento sem precedentes na produção de açúcar e etanol" e "um player global de distribuição". Além disso, os diretores da Raízen destacaram que a companhia terá uma "[infraestrutura](#) invejável, com vantagem competitiva e potencial significativo de redução de custos".



Guidance e plano de crescimento

Segundo o guidance apresentado pela empresa nesta quarta, a Raízen deverá fechar o ano fiscal de 2010 com um volume de 20,7 bilhões de litros, margem bruta de R\$ 2,08 bilhões e Ebitda de R\$ 685 milhões, valores esses que alcançarão a marca de 23,9 bilhões de litros, R\$ 2,55 bilhões e R\$ 1,22 bilhão, respectivamente, em dois anos. Além disso, os ganhos por metro cúbico passarão de R\$ 33,00 para R\$ 51,00, segundo as projeções.

Além disso, foi detalhado um plano de crescimento de cinco anos para a nova empresa – que prevê projetos de novas fábricas e aquisições - que será guiado por três drivers principais, segundo o CEO da Raízen. O primeiro deles será quanto ao crescimento na produção e comercialização de açúcar e etanol e de cogeração de energia.

Neste prazo, a moagem passará de 62 milhões de toneladas para 100 milhões, enquanto o açúcar e o etanol passarão de um volume de 4,0 milhões de toneladas e de 2,2 milhões de litros para 6,0 milhões e 5,0 milhões, respectivamente, ao passo que a capacidade instalada de cogeração aumentará dos 900 MW atuais para 1.300 MW.

Estratégia

Por fim, a estratégia da companhia contempla um mix de produtos equilibrado, pois a companhia nasce com o diesel e a gasolina respondendo por 41,8% e 28,5% do volume total de vendas, respectivamente, enquanto o combustível de aviação tem um peso de 11,7%.

Quanto a este último – o qual possui as margens de mercado mais altas da indústria, afirma o CEO -, os diretores chamam a atenção para a proximidade de um boom no mercado de aviação, com a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 em foco, o que resultará em um ganho absoluto de volume através do desenvolvimento de aeroportos e pelo fluxo de turistas.